em seu instante heróico e avança cada vez mais para um equilíbrio normal, primordial, é claro, mas que não pode dar uma excitação violenta à minha alma; b) porque não sou um homem de ação e não posso me interessar, sem trégua, pela melhoria de um regime social. Gosto da primeira descida do Espírito, a violenta, que traz o fogo. O resto, como o terrível instante se canaliza numa sábia necessidade cotidiana, não me interessa sem limites. Minha mais profunda alegria é ver como a força obscura agarra o homem e o sacode, como um amante, como um epiléptico ou um criador. Porque, como vocês sabem, não me interesso pelo homem, mas por aquele que chamo tão imperfeitamente de Deus.

"Gostaria de permanecer aqui mais um ano, mas viajar, tocar o corpo imenso da Rússia. Pois eu amo, certamente, mais do que a Grécia, esta terra e estes homens e a missão que ela aceitou cumprir em nossa época. Se esta alma insaciável que tenho pudesse ter uma pátria, a Rússia seria a minha *pátria. Mas o terrível demônio que me devora não pode ser contido em nenhuma parte. Somente a morte poderá contê-lo.*

"Quanto ao cinema, tenho refletido muito e me alegro também por ter essa experiência. Como lhe escrevi, ela me é útil para a Odisséia, que é o objetivo de minha vida até 1933; 1) porque ela me obriga a mudar em imagens toda idéia abstrata; 2) porque só o cinema pode captar o inconsciente, os sonhos e as visões; 3) porque sinto uma emoção muito amarga, búdica, em criar com sombras paixões, choques e, num instante, mudas, como fantasmas, aniquilá-las. Não está aí a imensa tela do Universo? Agora começo a trabalhar em um outro roteiro: Lênin. É uma visão que dura (na cabeça de um Negro que foi ao túmulo de Lênin, em Moscou, para saudá-lo) um segundo, desde o momento em que, na catacumba, ele o viu e levantou o pé para colocá-lo no degrau seguinte, até o momento em que o pôs. O que se passa no cérebro — toda a vida de Lênin, da Rússia, da Terra, cactáceas, máscaras, paisagens africanas, esperanças terríveis — uma visão africana, profunda, implacável e rápida como um relâmpago. Ah, se você pudesse saber a emoção que sinto com a idéia de que posso exprimir todo esse relâmpago em imagens e que milhões de olhos poderão vê-lo..."

Kiev, 30-6-1928.

"A viagem é agora quase certa: Volga—Japão. E enviamos artigos para Nouvelle Révue Française, para jornais alemães e russos. Teremos um trabalho enorme, mas aceitei a responsabilidade de contribuir o máximo que puder para vida comum com Istrati. Quando esta viagem terminar (espero que por volta de maio de 1929) não teremos mais nada a fazer na U.R.S.S. e voltaremos para perto de Paris (penso que é o melhor neste momento), onde escreveremos os três-quatro volumes sobre nossa viagem, e onde eu me isolarei de uma maneira inexorável para trabalhar de novo na Odisséia.

"A vida aqui, com Istrati, vai bem, Bilili, que é uma perfeita companheira para Istrati, tem às vezes caprichos, e, como me disse ela um dia, me odeia mortalmente. Eu compreendo e explico a razão. Espero que minha influência faça bem a Istrati e é o que me consola.

"Lenotschka bem-amada, nosso destino é extraordinário. Se realmente nosso sonho de viagem se realizar, esta vida dará mais do que pedirmos. Quando nos encontramos, jamais esperei a floração de hoje. Demos um grande piparote na vida e esta adquiriu uma força divina. Deus permita que você experimente comigo grandes alegrias e grandes dores, e jamais a mediocridade e o tédio..."

A viagem se realizou em parte para nós três, quase em sua totalidade para o mais forte de nós todos, para Nikos Kazantzaki. Descemos o Volga de Nijni-Novgorod a Astrakan, em sentido inverso dos melões e das melancias que subiam a corrente em montanhas espetaculares. Não estávamos com pressa, viajávamos à noite, esquiávamos de manhã pelas cidades ou aldeias ribeirinhas, fazíamos visitas ao camponeses e aos *kolkhoz*, aos monumentos históricos, aos museus e às igrejas cobertas de cúpolas em forma de figo, comíamos caviar com colher, tomávamos parte na pesca e na luta contra os assoreamentos, seguíamos guias benévolos para ver os lótus, os únicos lótus que se arriscaram fora da Ásia... Era justamente na época em que Stálin tinha conseguido prender Trotsky e exilá-lo em Ama Alta. Não saberei mais dizer se foi por negligência, ou então porque encontramos dificuldades, o fato de não termos ido vê-lo, como tínhamos planejado. Nesta época de gestação — época maravilhosa entre todas — vivia ainda a maior parte dos grandes que tinham desencadeado e imprimido ordem à Revolução. De cada dez russos consultados ao acaso nove respondiam à nossa pergunta: — Quem é Trotsky? com apenas duas palavras: *Eto bog!* Esse é um Deus! Somente Pushkin tinha direito, ao lado de Trotsky, a tanta admiração ilimitada.

Atravessando a má e feia Cáspia, passeamos por cima dos lençóis petrolíferos do Azerbaidjan, depois pela idílica Geórgia, que ainda sonhava em ser livre. Veio, a seguir, a volta pela Armênia, até os pés do Ararat e as fronteiras turcas, lá onde, havia alguns anos, Kazantzaki viera salvar os gregos que os turcos e os curdos ferravam como cavalos, e que os bolcheviques expulsavam e impediam de viver.